

REFLEXÕES SOBRE A NAÇÃO PALESTINA:
OS PERIÓDICOS
AL-ITTIHAD
E AL-JADID
SOB A PERSPECTIVA DA ESQUERDA
DO PARTIDO COMUNISTA PALESTINO
(PALESTINA/ISRAEL, 1940-1960)

Carolina Ferreira de Figueiredo¹

A Palestina experiencia uma situação cotidiana singular, que tem se aprofundado ao longo dos séculos XX e XXI. Em 15 de maio de 1948, foi proclamado o Estado de Israel, acontecimento denominado pelos(as) palestinos(as) como *Nakba*, “catástrofe” em árabe. A criação e o estabelecimento do Estado Israelense alterou profundamente o cenário no Oriente Médio na contemporaneidade, já que mobilizou países árabes em termos de aliança e posicionamento frente à “Questão Palestina”. Para os(as) palestinos(as), o ano de 1948 simboliza a perda do território e a expulsão em massa de pessoas de suas casas para o deserto, para os campos de refugiados e para outros países, estabelecendo uma marca violenta eterna para a história palestina.

Apesar da migração judaica para o território palestino já acontecer desde o final do século XIX, muitas vezes de forma pacífica, o nascimento do sionismo, movimento liderado por Theodore Herzl, criou a necessidade de um Estado para os judeus, o qual Schlomo Sand² considera uma necessidade nacional e colonial, e não uma reivindicação realmente religiosa. De uma maneira complexa e não unívoca, esses processos e outros culminaram no Estado de Israel, o Nakba. Atualmente, é possível visualizar um território palestino desaparecendo, já muito menor que o original, além das violências cotidianas contra a população.

Esta pesquisa parte dessa complexidade³, uma vez que tem por objetivo apresentar dois periódicos, *Al-Ittihad* e *Al-Jadid*, fundados e baseados em Israel, e com membros palestinos e israelenses. O primeiro deles, um jornal, foi criado em Haifa em 1944. Após 1948, *Al-Ittihad* passou a ser o primeiro periódico em língua árabe produzida em Israel, sendo considerado até hoje um dos jornais mais importantes da região; o segundo, uma revista literária, criada um pouco depois do jornal, publicou críticas, artigos, poemas e obras de artes vanguardistas. Os dois periódicos apresentam uma perspectiva bem definida, alinhada às perspectivas de esquerda e, pela maior parte de sua existência, ligada ao Partido Comunista.

Ambos os periódicos, portanto, nascem nos efervescentes anos 1940 e 50, quando há pessoas refletindo, criticando e lutando pela legitimidade desse novo Estado, e criando novos sentidos de nacionalidade para palestinos(as). Para além disso, todas essas questões identitárias ligam-se a temáticas globais do período, como as guerras mundiais, o nazismo, o imperialismo estadunidense, o comunismo e outros. Nesse sentido, o jornal *Al-Ittihad* e a revista *Al-Jadid* apresentam um diálogo intenso entre o global e o local. Os sujeitos envolvidos nessas produções estão pensando a Palestina como nação, como um passado e um futuro, de maneira nostálgica e buscando uma práxis; portanto, apresentam uma visão de como concebem a luta palestina. Esses periódicos contribuem para se pensar a heterogeneidade das experiências palestinas.

Para melhor compreender esse cenário, parte-se do pressuposto de que não é possível “lidar com qualquer fragmento de um veículo da imprensa [...] sem o reinserir no projeto editorial no interior do qual se articula, ou seja, sem remetê-lo ao jornal ou à revista que o publicou numa determinada conjuntura”.⁴

Há, nesse aspecto, uma dimensão interna ao periódico, como interesses e compromissos dos proprietários e seus contribuintes, além de sua relação com leitores e os críticos do periódico. É fundamental, portanto, “articula[r] a análise de qualquer publicação ou periódico ao campo de lutas sociais no

interior do qual se constitui e atua”⁵. A imprensa, como estudo da própria sociedade, nos conduz “da história dos meios de comunicação para o campo da história social”⁶. É oportuno também compreender as limitações, na pesquisa, ao se investigar o caráter multifacetado dos periódicos estudados, por razões de diferentes âmbitos, como a quantidade de referências bibliográficas disponíveis e as barreiras linguísticas. Por isso, nesse momento, o objetivo é apresentar os periódicos e ambientar alguns dos debates internos a sua equipe na época de criação e no desenvolvimento dos impressos.

Não é possível pensar no jornal *Al-Ittihad* e na revista *Al-Jadid* sem analisar as dinâmicas tecidas em relação ao desenvolvimento do comunismo na Palestina e Israel. Nesse sentido, uma questão específica da época foram as temáticas do nacionalismo e do internacionalismo, que tomam características específicas no caso palestino. Segundo a pesquisadora Tal Ben Zvi⁷, ao analisar a biografia do artista palestino Abed Abdi⁸ especialmente sob a ótica da relação com sua professora Lea Grundig em Dresden, afirma: “Foi na verdade a identidade comunista, cosmopolítica e a-nacional que possibilitou o encontro e amizade deles, e a grande admiração mútua”.⁹ O historiador Joel Beinin¹⁰ complementa essa visão ao afirmar que o “Marxismo [...] não tomou nacionalismo ou cultura nacional seriamente [...] ‘o proletário não tem país’, e que o internacionalismo proletário estava baseado em uma realidade mais firme e material que o nacionalismo”.¹¹

Uma perspectiva a ser tomada, portanto, está na característica “a-nacional” de luta, por ser um dilema consistente na história da luta palestina. Desde a criação do Partido Comunista Palestino, em 1919, a dicotomia entre internacionalismo e nacionalismo esteve presente, especialmente após a declaração do Estado de Israel em 1948. Na perspectiva de luta de classes, a Palestina deveria combater o Imperialismo britânico; portanto, árabes e judeus seriam “iguais” nesse sentido, como afirma o cientista político Musa Budeiri¹². Entretanto, a pluralidade de grupos com demandas diferentes tornou os sentidos de lutas múltiplos, muitas vezes aliando o comunismo ao nacionalismo.

O Partido Comunista Palestino (PCP) foi estabelecido de maneira mista, com membros árabes e judeus, sob condições já singulares, visto que a Palestina não apresentava um capitalismo avançado e também resistia à ocupação britânica. Ainda dentro desse contexto colonial, a Inglaterra facilitava o estabelecimento de judeus. Entretanto, a migração judaica não era vista totalmente como uma ameaça, uma vez que a ideologia do Partido via a Palestina pelo prisma de classes, e não como nação¹³. Nesse sentido, para o PCP, a luta estava baseada nos interesses e necessidades sociais e econômicas, focada nos trabalhadores urbanos – majoritariamente judeus – e nos camponeses. Assim, segundo Budeiri, os trabalhadores judeus,

[...] recém imigrantes como eram, e apesar do fato de que eles foram trazidos à Palestina através da agência de organizações Sionistas, eles continuaram a ser considerados como revolucionários potenciais cujos interesses nada se contradiziam com os dos árabes.¹⁴

Ademais, o Partido ressaltava que o Sionismo se apresentava como um peão para as políticas da Inglaterra e que qualquer ataque a judeus fortaleceria o imperialismo britânico. Exatamente por ser visto como um potencial para ir contra o imperialismo, o sionismo foi considerado um movimento revolucionário e possivelmente internacional, o que fez muitos compreenderem a convergência das ideologias sionista e marxista.¹⁵

Nesses primeiros anos, portanto, o movimento nacional palestino era combatido pelo PCP, exatamente por acreditar que a agenda não deveria ser somente dos árabes, mas na ênfase anti-imperialista, segundo a qual se atribuía a opressão aos árabes e judeus da mesma forma. Em termos específicos, o PCP ainda considerava que o movimento nacional de independência era proveniente de uma burguesia árabe¹⁶ e, portanto, não preocupado com as reformas para a classe trabalhadora e camponesa, como por exemplo, a reforma agrária.

Já em 1929, o Partido passou por uma grande transformação em perspectivas, ao clamar uma arabização de seus membros, visto que, apesar de se configurar como misto, os maiores cargos eram ocupados por judeus. Apesar de a ideia não consistir em abandonar os judeus, esta transformação já configurou uma primeira nota étnica do discurso, com a entrega de cargos importantes a árabes.¹⁷ Em outubro de 1933, estouraram revoltas em muitas cidades na Palestina, causadas pelo aumento considerável de imigração judaica e a perda de terras, fazendo com que, na Internacional Comunista de 1935, o PCP mudasse completamente sua agenda:

O partido gradualmente começou a abandonar o seu chamado pela revolução agrária, e apesar de continuar sua agitação entre a pequena classe trabalhadora árabe nas cidades, sua atenção estava mais fortemente direcionada para a dimensão nacional da luta na Palestina.¹⁸

Esta situação foi ainda agravada nos anos seguintes, com a Revolta Árabe na Palestina, como ficou chamada a rebelião de palestinos(as) contra o governo britânico e a imigração judaica, que continuava a crescer exponencialmente. Ainda que suprimida, essa revolta, que durou de 1936 a 1939, aumentou a urgência de um território independente nacional da Palestina, não só pelo colonialismo da Inglaterra, mas conjuntamente pela ocupação judaica.

A década de 1940 foi marcada por uma maior radicalização nas agendas nacionais de grupos de palestinos e israelenses. As grandes tensões, somadas aos eventos explanados anteriormente, contribuíram para o rompimento do Partido Comunista em 1943, com a expulsão de muitos membros judeus e a formação de outro grupo, formado somente por árabes, a NLL – *National Liberation League* (Liga da Libertação Nacional), com posição decididamente contra a formação do estado judeu e, por conseguinte, contra a imigração agenciada pela ideologia sionista. O PCP mudou o nome de MAKEI – *Hamiflagah Hakomunistit Ha'erezt Yisra'elit* (Partido Comunista da Terra de Israel) e depois MAKI – *Hami-flagah Hakimunistit Hayisra'elit* (Partido Comunista de Israel) em 1947, ao aceitar o plano de partição das Nações Unidas¹⁹. Membros do NLL, que haviam saído do partido em 1943, voltaram para o MAKI em outubro de 1948, tornando o partido judeu e árabe novamente. O MAKI passou a administrar dois jornais criados ainda em 1944, o *Kol HaAm*, em hebreu, e o *Al-Ittihad*, em árabe. O partido não se considerava sionista, mas passou a reconhecer o Estado de Israel, embora lutasse para o estabelecimento de um estado palestino²⁰.

Em 1965, o MAKI enfrentou problemas internos e foi dividido: o primeiro grupo liderado por Sneh, composto por judeus que reconheciam o direito de existência do Estado de Israel e fazia críticas mais severas à União Soviética quanto a sua política anti-Israel; e o segundo, liderado por Tawfik Toubi e Meir Vilner, que abandonou o MAKI para se tornar o RAKAH – *Hareshimah Hakomunistit Hehadashah* (A nova lista Comunista), foi grupo que a União Soviética reconheceu como o “verdadeiro” Partido Comunista. Nesse cenário, outros partidos políticos de Israel emergiam dentro da política sionista, como o conservador MAPAI – *Mifleget Po'alei [Eretz] Yisra'el* (Partido dos Trabalhadores [da terra] de Israel), tendo Ben-Gurion (1886-1973), o primeiro governante de Israel (1948-1953) como líder, e o MAPAM – *Mifleget Hapo'alim Hame'uhedet* (Partido dos Trabalhadores Unidos), que ainda conseguiu manter um diálogo com o PCP/MAKI, mas tornou-se cada vez mais apoiador das políticas do Estado de Israel ao longo do tempo.

Nota-se, a partir desta breve contextualização, que os grupos de esquerda eram diversos e, embora em teoria dialogassem sob uma agenda comum, as diferentes práxis refletiram-se em políticas específicas quanto ao estabelecimento e legitimidade do Estado de Israel ao longo do século XX. Não somente os partidos dentro de Israel-Palestina participavam desse jogo de forças, mas este era pautado sob o equilíbrio externo, no Oriente Médio, especialmente a partir do Egito e da Síria, e no restante do mundo, com a força e intervenção da União Soviética. Essas questões poderão ser visualizadas na criação e desenvolvimento dos periódicos *Al-Ittihad* e *Al-Jadid*, que serão explanados a seguir.

O jornal *Al-Ittihad*

O fio condutor para analisar as informações da ficha de identificação do jornal *Al-Ittihad* que segue reside na relação entre a publicação do periódico e de sua filiação ideológica.

Tabela 1 – Ficha de identificação do jornal *Al-Ittihad*

Identificação	Nome: <i>Al-Ittihad</i> (The Union/A União) Datas-limite de publicação: 1944 até o presente, com interrupções. Periodicidade: nasceu publicando uma vez por semana, depois passou a ser duas vezes por semanas (não encontrada a data) e, a partir de 1983, tornou-se diário. Localização: Haifa, Israel. Também baseou-se em Nazaré (não encontrada a data).
Participantes	Proprietário: (a partir de 1948) MAKI, Partido Comunista de Israel Fundadores: Emile Touma, Fu'ad Nassar e Emile Habibi. Corpo editorial: Emile Touma, Fu'ad Nassar, Emile Habibi, Ahmad Sa'd, Aida Touma-Suleiman Colaboradores: Mahmoud Darwish, Salim Joubran, Samih al-Qasim, Abed Abdi, Tawfik Toubi, Tawfik Ziad, Jabra Nicola

Um primeiro ponto diz respeito à relação entre a fundação do jornal em 1944, os indivíduos presentes nesse projeto e as organizações envolvidas, devido ao vínculo dos fundadores do jornal para com o Partido Comunista Palestino (PCP) e com a Liga da Libertação Nacional (NLL), criando uma esfera mediativa e um ponto de contato ainda na juventude do periódico. Dentre os fundadores do *Al-Ittihad*, Emile Habibi e Emile Touma, quando criaram o periódico em 1944, haviam recém rompido com o Partido Comunista Palestino, por reivindicarem uma organização composta somente por membros árabes. Esta demanda se consolidou no mesmo ano de 1944, a partir de um grupo formado pelos mesmos fundadores do jornal, Habibi e Touma, além de outros ativistas árabes como Fuad Nassar e Boulos Farah, sob o nome de NLL, em árabe, *Usbat al-Taharur al-Watani*, com o slogan “Unificação Nacional para Liberação Nacional”²¹. Neste cenário de meados da década de 1940, portanto, o jornal *Al-Ittihad* não pertencia ao Partido Comunista, mas era composto por um corpo organizacional semelhante, com indivíduos que circulavam pelo meio do Partido Comunista e tinham a mais nova proposta nacionalista, e que, por sua vez, publicavam todas as agendas no jornal²².

Em termos de organização institucional, o jornal *Al-Ittihad* é assumido e passa a ser dirigido pelo PCP em 1948, “reformado” e sob novo nome, chamado MAKI, que teve os membros da NLL de volta, bem como sua formação mista, de árabes e judeus. Um ano depois, houve completo desaparecimento das referências da NLL nos diários do *Al-Ittihad*²³, sob a justificativa, expressa

por Emile Habibi, de que a fusão das duas organizações traria melhores condições para lutar contra os territórios palestinos ocupados por Israel²⁴.

Em termos de análise documental, é necessário pensar no jornal como um veículo e porta-voz do comunismo e/ou do Partido Comunista, e mais, sob uma característica de oficialidade ou extraoficialidade, considerando isto um potencial para o teor das publicações e para as diretrizes do projeto editorial. Para Budeiri, desde o nascimento do periódico, em 1944, este foi utilizado como um suporte para a propaganda comunista, mas sem utilizar necessariamente o termo “comunismo”, o que é interpretado assim como uma adaptabilidade da ideologia no território palestino²⁵. A visão de Budeiri converge com a de Jacobson, que justifica a ausência do termo a partir do medo do comunismo presente em parte da sociedade palestina e, portanto, a tentativa da NLL de abraçar um grupo mais amplo²⁶. Mesmo assim, Jacobson também concorda que seu público-alvo eram os trabalhadores árabes, a partir de um viés comunista.

Essa dimensão corrobora com a ideia de que, durante os primeiros quatro anos de existência do jornal, não havia uma ligação formal e institucional com o Partido Comunista, mas um resquício ideológico-intelectual de membros como Emile Habibi, Emile Touma e Fu'ad Nassar, fundadores do jornal. Assim, ainda que a agenda, pelo menos no início da existência do *Al-Ittihad*, se concentrasse nas questões de ordem diária, escamoteando a base teórica alinhavada, é possível inferir que as opiniões empregadas nas publicações se mantivessem na esfera ideológica dos seus produtores, revelando, mesmo que sutilmente, uma cultura com um sistema de referências específicas, através de símbolos, bandeiras, vocábulos e outros²⁷. Além disso, uma hipótese a ser levantada é que, nesse período, o periódico encontrava-se mais afinado com as propostas institucionais da NLL, devido ao rompimento com o Partido Comunista, entretanto, não dissociado da visão de mundo da esquerda comunista em busca de direitos para os palestinos, centralizada na figura dos trabalhadores.

Segundo Budeiri, um editorial na primeira publicação do *Al-Ittihad* “enfatizava a contribuição da classe trabalhadora árabe e a população árabe na Palestina na luta para derrotar o Nazismo”.²⁸ Nesse sentido, nos primeiros dois anos de existência, *Al-Ittihad* concentrou suas atenções em assuntos dos trabalhadores e nas organizações de trabalhadores, transformando o periódico em uma base sólida, no sentido ideológico, para os árabes comunistas. Dessa maneira, Budeiri identifica dois objetivos principais do novo jornal: o primeiro deles, “a familiarização dos seus leitores com a luta dos trabalhadores em torno do mundo, para permitir que os trabalhadores árabes se beneficiassem das experiências de outros na luta comum”²⁹.

A segunda motivação era “buscar a luta econômica diária dos trabalhadores árabes para melhorar suas condições econômicas, sociais e culturais e unir seus esforços em um movimento forte.”³⁰

Nesse contexto, é importante perceber que o projeto editorial e a agenda do periódico se traduziam quase que integralmente nas demandas dos “ideais” comunistas, ainda que, nesse momento, o viés das demandas ocorresse pela NLL e pela particular necessidade de organizar a independência da Palestina, visto que esse cenário ainda se configura no pré-1948.

Um elemento importante, apontado por Jacobson como uma particularidade da NLL, é seu manifesto de diferenciação entre judeus e sionistas, bem como sua diferenciação de um chamado movimento nacionalista mais “tradicional” na Palestina, reiterando que a não diferenciação entre esses sujeitos tornava o Sionismo forte. Jacobson identifica um fragmento do jornal que aponta essa questão:

Alguns dos grupos em nosso movimento nacional não distinguem entre o movimento Sionista e os habitantes judeus da Palestina. Entretanto, nós temos que examinar a sociedade judaica na Palestina e considerar a estrutura de classe, partidos e organizações. Nós podemos dividir os habitantes judeus em classes: a classe trabalhadora e os camponeses da maioria dentro da população judaica, e a mais importante classe social... Somente os capitalistas apoiam o movimento Sionista. Nossa luta contra o Sionismo é uma luta progressiva para os trabalhadores judeus e a *intelligentsia*.³¹

Essa visão dá mostras das dinâmicas de relações entre os trabalhadores e a elite capitalista, ao mesmo tempo em que fundamenta uma crítica a indivíduos e grupos que não diferenciam a identidade étnica, principalmente, da classe judaica em relação ao Sionismo, este, o inimigo que agencia a compra e posse de terras palestinas. Além disso, apesar da visão do jornal veicular-se através da noção de classe, esta não necessariamente fundamentava-se, neste momento, em uma perspectiva igualitária entre palestinos e judeus. Segundo Jacobson, a política da NLL pedia por um representante nacional, a Palestina se estabeleceria como o único Estado da região e os judeus teriam os mesmos direitos como cidadãos, mas como um grupo minoritário dentro da Palestina³², dimensão radicalmente alterada em 1947.

Pelo viés do periódico e as respectivas alianças formadas, conseguiu-se dar coesão a partir de uma ideia comum aos trabalhadores árabes e a luta nacional, entendendo que no momento em que houvesse uma luta pela independência, a função dos movimentos dos trabalhadores seria “apoiar a

economia nacional no estágio presente de luta pela libertação nacional”³³. Ou seja, os trabalhadores possuíam reivindicações específicas, como igualdade de salários, jornada de trabalho e outros, que iam ao encontro da luta comunista internacional, ao mesmo tempo em que possuíam uma consciência, ou pelo menos uma expectativa, do papel nacional a se cumprir caso houvesse uma luta pela Palestina.

O remodelamento da relação entre periódico e Partido se concretizou em 1948, com a fusão total com MAKI e seu controle do jornal, dando um caráter de porta-voz oficial do partido, e não mais somente da perspectiva comunista abrangente, mas da ideologia comunista empregada pelo MAKI.

Ligado oficialmente ao MAKI, a junção entre o antigo Partido Comunista e a NLL demonstra uma mudança de caráter tanto simbólica, pois a NLL passa a ser integrada a um partido, quanto prática, com a subjugação político-institucional. Isto se relaciona ao “tipo” de comunismo seguido, visto que os teóricos Budeiri e Beinín apontam um alinhamento com a União Soviética. A partir desse cenário em que se observa contatos constantes em âmbito local, regional³⁴ e internacional, o conceito de cultura política, cunhado por Almond e Verba na década de 1960, parece oportuno, pois permite “[...] estabelecer a relação entre o processo de socialização e o comportamento político”.³⁵ Em outras palavras, os debates desenvolvidos pelo PCP, MAKI e NLL encontram-se, numa perspectiva teórica, inseridos em uma historicidade própria das formações políticas e de ideologias³⁶, as quais reverberam em práticas específicas de intelectuais palestinos e de seus possíveis alvos e leitores, formando um cenário nem sempre tão facilmente decifrável. Coloca-se em evidência que as análises da

[...] cultura política são um campo privilegiado para determinar as conexões entre as dimensões micro e macro da política, pois têm como meta justamente compreender os valores que orientam as motivações e atitudes dos indivíduos frente à política institucional.³⁷

Considerando essas questões, o papel da União Soviética parece ser imprescindível para os acontecimentos da segunda metade da década de 1940:

Enquanto não é significativo falar sobre da ‘política comunista’ da NLL, é mesmo assim possível observar a autoidentificação dos comunistas árabes com o movimento comunista internacional [...] a NLL se identificava com o comunismo internacional através da publicação de inúmeros artigos glorificando a vida na União Soviética e através de propaganda com os objetivos da política externa da União Soviética, e das atitudes que tomou para o desen-

volvimento do mundo Árabe. *Al-Ittihad* escreveu de maneira extensa sobre o longo registro da hostilidade soviética para o Sionismo e frequentemente reproduziu artigos da imprensa Soviética sublinhando o suporte para a independência e unidade da Palestina.³⁸

Essa expressão, afinada com as propostas da União Soviética, agudizou-se ainda mais com a tensão entre os membros da NLL e a mudança de posição do jornal quanto ao Plano de Partilha proposto pelas Nações Unidas, em 1947, quando delineou uma proposta de divisão territorial para a Palestina e para o futuro Estado de Israel. Sobre este plano, o periódico *Al-Ittihad* já se havia colocado contra a partição, pronunciando-se a favor do estabelecimento de um estado único para judeus e árabes, embora em suas publicações já indicassem que isso não seria mais possível³⁹. Seguindo com Budeiri, um dia após declararem a divisão da Palestina, uma publicação feita no *Al-Ittihad* indicava que a partição já era uma realidade para as populações que viviam em total isolamento⁴⁰. Entretanto, durante os anos de 1947 e 1948, a agenda política sofreu alterações significativas, com reavaliações sobre o apoio à cisão em função do discurso de Tsarapkin, diplomata soviético que, na ocasião, manifestou apoio à partição⁴¹. Ainda que não tenha sido consenso entre os membros do jornal⁴², nas últimas três edições do jornal, antes do fechamento em março de 1948, a demanda por um “estado independente unido e não dividido” foi deixada de lado e o pedido da NLL centrou-se então na necessidade de luta “para organizar meios de defesa contra terrorismo”, para “expulsar o exército britânico da Palestina” e para perceber “a independência e liberdade da Palestina”⁴³. Pode-se concluir, desta forma, que as lutas contra os ‘inimigos’ permaneceram as mesmas, mas a forte reivindicação pela Palestina ganhou corpo às custas do ideal unitário para a região, especialmente tensionando consensos e dissensos entre os membros do jornal, visto que, para Beinin, a discordância dentro da NLL esteve intimamente ligada a um processo mais amplo que dizia respeito à desintegração da sociedade palestina iniciada após ter sido declarado o plano de partição⁴⁴.

A polêmica proposta da Partilha inflamou questões do território nacional, que culminou um ano depois na declaração do Estado de Israel com liderança de Ben-Gurion. Nesse mesmo ano de 1948, ocorreu o primeiro fechamento do *Al-Ittihad*, realizado pela censura britânica, e o mais longo de toda a sua história, permanecendo ilegal durante oito meses. Para Lustick⁴⁵ e Cayman⁴⁶, houve restrições na liberdade de locomoção e expressão durante os primeiros anos de controle militar. Especificamente, Cayman afirma que a circulação do jornal *Al-Ittihad* era permitida em algumas regiões e em outras, proibida. A publicação irmã de *Al-Ittihad*, chamada *Kol Ha'am*, igualmente

vinculada ao Partido Comunista, mas publicada em hebraico, também sofreu censura em diversas ocasiões, por seu conteúdo subversivo e contrário ao governo⁴⁷. As interrupções e consequentes fechamentos dos jornais merecem atenção, uma vez que seus contextos revelam uma necessidade de cerceamento, fato que possivelmente contribuiu para se pensar *Al-Ittihad* como um jornal oposicionista de esquerda, “alternativo” aos veículos midiáticos, tomando, invariavelmente, uma posição antigovernista generalizada⁴⁸.

O segundo momento de fechamento do periódico foi em 1953, realizado pelo ministro das Relações Exteriores de Israel à época, Israel Rokach, com duração de quinze dias. O fechamento teve relação direta com uma publicação controversa feita por *Al-Ittihad* e também por *Kol Ha'am* acerca da Guerra da Coreia, em pleno contexto de Guerra Fria. O terceiro fechamento ocorreu em 1988 por ordem do governo israelense, dias antes do Dia da Terra (*Land Day*), evento realizado em memória da desapropriação de terras palestinas.

A partir desses eventos, é possível inferir que os momentos de fechamento tiveram direta relação com acontecimentos específicos que, por sua vez, revelam a característica opositora do periódico *Al-Ittihad*. A censura, nesse aspecto, pareceu providente e precisa, permitindo a existência do partido e de suas publicações ao longo de décadas, mas em momentos com potenciais tensões e conflitos sociais, realizou-se a censura através de um fechamento calculado, visando evitar “danos maiores”. Seguindo a perspectiva de Tânia de Luca: “Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento”.⁴⁹ E continua, ao afirmar que “o papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários [...] abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos”⁵⁰, caso de *Al-Ittihad*.

Outra esfera de análise importante são as informações obtidas acerca dos leitores, uma vez que, seguindo a perspectiva da história da leitura, é necessário decifrar como as pessoas liam, considerando contextos sociais diversos, junto aos indicadores de classe, gênero, idade, bem como taxas de analfabetismo⁵¹. Dessa maneira, “a contextualização do leitor em seu espaço pode fornecer indícios sobre a natureza de sua experiência”⁵². Aliada a esta concepção, compreende-se que a manufatura de um periódico não ocorre somente a partir dos produtores, mas em sua constante relação e reciprocidade com os seus consumidores, divulgando notícias que atraíam, informações que sigam a tônica da política editorial, ao mesmo tempo em que converjam com a perspectiva dos leitores. Como indica Monica Velloso⁵³, ao estudar as revistas cariocas, “[...] a recepção pode vir a interferir na produção do texto. No ato de escrever, já está inscrita a figura do leitor; a apropriação cultural dos sentidos interfere na própria elaboração do texto”.⁵⁴

Por isso, apesar de existirem poucas informações acerca dos leitores e das vendas do jornal, os dados divulgados são potenciais para se levantar hipóteses sobre o grupo ao qual era destinada a publicação do *Al-Ittihad*.

As informações privilegiam as vendas por região, mas sem especificar sujeitos-leitores, como gênero e idade. Não foram encontradas também informações que apontariam para um banco de dados construído pelos próprios membros do partido e do jornal especificamente. Considerando a periodicidade do jornal – que começou publicando uma vez por semana, seguida de duas vezes para depois virar diário (em 1983) – esta pode fornecer pistas para o aumento gradativo de leitores, uma vez que se supõe que o aumento da produção está diretamente relacionado a uma demanda. Outros elementos podem estar envolvidos, como por exemplo, a diminuição do custo de produção ou a facilitação dos modos de distribuição; mas todos esses envolvem, invariavelmente, o interesse do leitor em adquirir o jornal. A tabela a seguir mostra as vendas do jornal *Al-Ittihad* durante o período de 1956 a 1963, quando o jornal já havia se tornado bissemanal:

Tabela 2: Vendas do Jornal

	Terça-feira	Sexta-feira
Agosto/1956	1,837	2,788
Abril/1961	1,734	2,616
Agosto/1961	2,181	3,451
Dezembro/1961	2,012	2,915
Junho/1962	1,908	3,010
Dezembro/1962	1,874	3,076
Junho/1963	1,929	3,120
Dezembro/1963	2,142	3,299

Tabela adaptada de KM 35 Mazkirut hamiflagah, Mazkirut, Inyanim shotfim 1964 apud BEININ, 1990, p. 242.

Ao analisar a tabela, observa-se que a edição de sexta-feira é consideravelmente mais vendida em comparação com a de terça-feira. Para esta, a venda, de um modo geral, cresceu nos períodos indicados, com exceção de três momentos.

A tabela 3 também apresenta os dados de vendas do jornal, especificando, além de mês e ano, a distribuição regional, o que contribui para a análise entre a quantidade de leitores e suas localidades.

Neste levantamento, é evidente que a região de Nazaré (diferenciada entre a cidade e o distrito), que se localiza no norte de Israel, é a que mais soma em vendas do jornal, em uma quantidade significativamente maior, sendo o dobro e/ou triplo do segundo mais vendido, na cidade de Haifa, centro político importante, como já mencionado. A cidade de Haifa era o local em

Tabela 3: Vendas do Jornal

	Dezembro/1958		Fevereiro/1959		Março/1959	
	Terça	Sexta	Terça	Sexta	Terça	Sexta
Tayyiba	150	158	120	131	-	-
Umm al-Fahm	0	16	-	-	-	-
Baga al-Gharbiyya	20	40	20	40	20	40
Haifa (cidade)	255	315	239	307	226	297
Acre	99	112	-	-	-	-
Al-Tira	6	7	6	7	6	7
Nazaré (cidade)	446	662	446	662	377	559
Nazaré (distrito)	577	806	577	806	535	753

Tabela adaptada de KM 35 Pe'ilut bemigzar ha'aravi (data aproximada: abril de 1959) apud BEININ, 1990, p. 216.

que se baseava o jornal, mas não era a concentração de leitores. A hipótese para o significativo número em Nazaré está no fato da localidade abrigar a maior concentração populacional de palestinos(as) dentro de Israel. Segundo o teórico Chad Emmett⁵⁵, Nazaré se tornou uma base importante do Partido Comunista, integrando-se à comunidade, a qual seria composta, como indica Ilana Kauffman⁵⁶, pela classe trabalhadora, público-alvo do jornal *Al-Ittihad*, mais um fator que explica as altas vendas na região.

Beinin redige uma nota explicativa, afirmando que alguns dados são inconclusivos, como para as localidades de Baqa al-Guarbiyya e al-Tira. Segundo ele, a regularidade de vendas informada na tabela, além da pequena quantidade de tiragens, indicariam que havia um distribuidor próprio do jornal, que pagava por todas as edições e as oferecia de forma gratuita⁵⁷. Isto sugere que nessas regiões havia pouca difusão, conhecimento e/ou aceitação do jornal e do Partido Comunista como um todo.

Outro dado relevante diz respeito ao número de filiados ao MAKI, dados da tabela obtidos também a partir de um levantamento de Beinin⁵⁸. Para a região de Nazaré, os membros cresceram ao longo dos anos:

Tabela 4: Filiação ao MAKI por ano (região de Nazaré)

Número de filiados	Ano
165	1958
214	1959
240	1961
444	1965

Tabela elaborada a partir dos dados de Beinin (1990).

Cruzando os dados com a tabela 3, a partir de 1959 (ano em comum com os dados de filiação), é possível afirmar que o número de leitores era con-

sideravelmente maior do que o número de filiados, o que revela que o jornal possuía um alcance para além do Partido, e que eventualmente havia indivíduos que eram leitores assíduos, mas não necessariamente comprometidos com as ações práticas do MAKI. Este caso é diferente em Haifa, por exemplo, onde os membros filiados se mantiveram relativamente estáveis:

Tabela 5: Filiação ao MAKI por ano (região de Haifa).

Número de filiados	Ano
165	1958
214	1959
240	1961
444	1965

Tabela elaborada a partir dos dados de Beinín (1990).

Fazendo a mesma comparação, podemos analisar que o número de filiados ao MAKI é similar ao número de leitores do jornal, o que poderia indicar uma maior equivalência em Haifa entre partido e jornal. Outra hipótese possível é a ideia de que em Haifa havia uma população mais “intelectualizada”, que se reunia em clubes, participava de reuniões do Partido e da própria fabricação do periódico, mas não haveria uma “massa” a que o jornal se destinaria, o que pode, em contrapartida, ser o caso de Nazaré, onde a propagação do jornal entre a população seria pelo viés da classe social.

Ainda é possível dimensionar a quantidade de árabes residentes de maneira legal (registrada) em Israel e proporcioná-la à quantidade de jornais vendidos. Uma estatística do governo de Israel⁵⁹ levantou que, para o ano de 1963, a população árabe residente no país era de 274,5 mil habitantes. Neste mesmo ano, a tabela referente às vendas aponta a compra de 3.299 exemplares do jornal para a edição de sexta, o que totaliza um grupo de aproximadamente 1,2% de leitores entre toda a população árabe.⁶⁰ Esta porcentagem levanta a problemática sobre quem eram estes leitores, porque estes aparecem enquanto um grupo específico dentro da população árabe e, portanto, é necessário investigar o alcance das ideias comunistas dentro deste grupo, ainda que esta se propusesse a resistir ao Estado de Israel. Como mencionado anteriormente, Jacobson⁶¹ aponta para a busca de se esquivar do termo comunismo dentro da NLL, procurando assim abranger mais pessoas, deixando, de modo lacunar, a real aceitação do Partido Comunista pelos(as) palestinos(as) dentro de Israel.

A Revista Literária *Al-Jadid*

Buscando traçar a formação desse grupo, procurou-se historicizar a fundação desse círculo literário, sendo que não foi encontrado na bibliografia

sobre a revista⁶² um consenso acerca da periodização da mesma; as atribuições de datas são similares, mas todas propõem ligações diferentes com o jornal *Al-Ittihad*: para Sasson Somekh⁶³, a revista *Al-Jadid* (ainda não com esse nome) surgiu em 1952 como um suplemento literário de *Al-Ittihad* e, a partir de 1953, tornou-se independente, ganhando o *corpus* de uma revista. Nos estudos de Naji Daher⁶⁴, *Al-Jadid* apareceu pela primeira vez em 1951 e, a partir de 1953, tornou-se um suplemento literário de *Al-Ittihad*, permanecendo em publicação até 1991. Por fim, Behar e Benite⁶⁵ apontam para o surgimento da revista, pela primeira vez, em 1953, também vinculada ao jornal.

Como se pode observar, somente um dos autores apresenta uma data final de publicação de *Al-Jadid*, enquanto todos apontam para o começo da década de 1950 o nascimento da revista, embora haja divergência quanto a sua relação (mais ou menos) dependente do periódico *Al-Ittihad*. De todo modo, a ligação com o periódico permite visualizar uma convergência com a base de reflexão ideológica e nacional explanada anteriormente. Ainda é possível questionar acerca dos leitores, ao considerar que os periódicos se encontravam juntos, a leitura de *Al-Jadid* poderia acontecer para um público mais amplo (mesmos leitores do jornal, por exemplo), e não somente aquele intelectualizado.

A ficha de identificação da revista, a seguir, traz uma sistematização de informações, sendo possível também identificar sujeitos participantes da construção de ambos, jornal e revista.

Tabela 6: Ficha de identificação da revista *Al-Jadid*

Identificação	Nome: <i>Al-Jadid</i> (O novo)
	Datas-limite de publicação: 1951/1952/1953 até 1991 (identificada diferentes datações)
	Periodicidade: mensal (de 1980 a 1982)
	Localização: Haifa, Israel
Participantes	Proprietário: MAKI, Partido Comunista de Israel
	Fundadores: Emile Habibi e Jabra Nicola
	Corpor Editorial: Emile Habibi e Jabra Nicola
	Colaboradores: Emile Touma, Hana abu-Hana, Tawfiq Ziad, Sami Michael, Mahmoud Darwish, Salman Natour, Abed Abdi, Abraham Hayyat, Shimon Ballas, David Semach, Sasson Somekh.

Al-Jadid é considerada a mais importante revista de língua árabe de Israel na década de 1950, representando uma primeira geração de intelectuais⁶⁶, tanto de palestinos residentes do novo estado israelense quanto por judeus, a realizarem discussões sobre literatura e publicarem poemas e contos. Uma capa da revista, a seguir, ainda que posterior (de 1981), mostra a revista literária dentro da perspectiva da experimentação artística.



Imagem 1: Revista *Al-Jadid*.
Capa da edição de agosto de 1981.

Devido à importância da revista, o teórico e colaborador da revista Somekh⁶⁷, relembra a formação de um círculo literário árabe em Tel Aviv, o qual se inspirou fortemente a partir da leitura de *Al-Jadid*, afirmando que “eles publicavam trabalhos de valor literário muito maior daqueles que apareciam em *al-Yawn* [a revista de Tel Aviv]”⁶⁸, apesar de enfatizar as duras críticas ao novo estado de Israel no começo da publicação da revista. Ainda sob a perspectiva do teórico, Somekh afirma ter sido tocado pelas palavras de Emile Habibi quando este dissertou, em uma das primeiras edições da revista, acerca do futuro da literatura árabe, especialmente a partir da nova realidade estabelecida com a criação do Estado de Israel.⁶⁹ Inspirado por tal movimento, Somekh, de origem iraquiana e recém-chegado como morador de Israel no período, escreveu um manifesto que foi publicado no *Al-Jadid* em 1954, dando início a um contato efetivo entre os círculos literários de Haifa e Tel Aviv:

Nós somos do Iraque e antes éramos engajados na literatura árabe. Muitos de nós publicamos poemas e histórias no Iraque e em Israel, e estas foram transmitidas na rádio [...] Mas nós rapidamente cansamos da cultura burguesa decadente. Nesse sentido, abandonamos completamente esse tipo de litera-

tura e nos viramos para a literatura militante, que era livre da decadência. No entanto, nossa associação com os círculos de literatura árabe desde então foi interrompida. Alguns de nós pararam de escrever, enquanto outros quase desistiram da possibilidade de algum dia escrever literatura árabe novamente. Então veio *al-Jadid* e infundiu-os com um senso real de esperança.⁷⁰

O manifesto expressa várias dimensões importantes. A primeira diz respeito às relações da literatura árabe como um grande arcabouço identitário, unindo cultura e diferentes nacionalidades de modo a criar um gênero de escrita. Relacionada a isso, a crise apontada pelo manifesto traz uma dimensão contingencial, a qual não atinge somente a literatura da Palestina em função de Israel, mas que trata de uma decadência do gênero como um todo, a qual Somekh atribui visivelmente à cultura burguesa. Isto nos leva ao terceiro ponto: a filiação a um tipo de arte engajada, a qual é tomada pelo social, pelo realismo social⁷¹ ou o que o manifesto continua ao afirmar o desejo de uma “literatura socialmente comprometida.”⁷²

Diferente do contexto de criação de *Al-Ittihad*, em que o Partido Comunista enfrentou maiores divergências quanto ao poder e representatividade entre árabes e judeus, a revista literária teve uma maior confluência entre membros das diferentes origens, mesmo que a revista tenha sido criada por dois palestinos e focasse a literatura árabe. Na ficha da revista, portanto, é notável a maior presença de judeus como membros – muitos falantes do árabe – cuja ligação estava, para a maioria deles, segundo Behar e Benite⁷³, na fundação do Clube de amigos da literatura progressista árabe (*Nawdat al-as-diqat’ al-adab’ al’-arabi al-taqqaddumi*), um grupo de judeus comunistas que se reuniam em Tel Aviv para discutir questões de política, literatura, cultura e sociedade.⁷⁴

Um dos debates promovidos pelo Clube de amigos e que reverberou nas folhas de *Al-Jadid* foi aquele relativo à língua utilizada para o desenvolvimento da literatura árabe, em que se propagou a necessidade de se escrever em hebraico, uma vez que haveria uma maior difusão entre a população, isto é, “[...] a necessidade do escritor em comunicar com as pessoas no meio em que vive, e sua responsabilidade em refletir a realidade e aumentar os horizontes de seus leitores”.⁷⁵

Por esse mesmo viés, Sami Michael afirma que “[...] o homem das letras que se preocupa com suas conexões com as pessoas [...] tem que escrever em um estilo em que as pessoas com que mora entendam”.⁷⁶

E continua, ao afirmar que “ele tem que permanecer fiel ao conteúdo social de sua literatura, enquanto inova e recria sua forma nacional em um

novo traje onde a nação que ele mora pode provar.⁷⁹

Esta reflexão teve amplo debate entre os membros dos círculos e nos membros contribuintes da revista *Al-Jadid*, como descrevem diversos teóricos⁸⁰, como a pesquisadora Nancy Berg⁸¹. Como informa Berg, o próprio palestino Mahmoud Darwish, um dos poetas mais famosos na Palestina, reconheceu a importância de se traduzir obras para o hebraico, uma vez que o mercado não se sustentaria somente com a língua árabe; disparando, com isso, um desafio ao escritor da língua árabe: o da tradução cultural para o novo Estado de Israel e a visão de mundo dos judeus/ israelenses.

Esta temática representa um embate político acerca das formas de como lidar com um estado incipiente, que trouxe não só consequências territoriais, mas modificou a própria cultura do local. Para os membros do *Al-Jadid* e dos círculos literários, o embate sobre o desenvolvimento da literatura e sua tradução não ocorreu somente de forma a combater o Estado de Israel sob o viés nacionalista palestino, possivelmente devido à heterogeneidade dos membros do grupo, mas no sentido de inserir a cultura árabe a partir da literatura, numa relação direta entre as línguas árabe e hebraica. É interessante perceber esse movimento enquanto interno ao Estado de Israel, de modo que a aproximação cultural pela literatura poderia levar a uma convivência dentro desse novo Estado, ainda que este houvesse causado uma ruptura na história dos palestinos. Ao mesmo tempo, a ampliação da literatura marcou uma internacionalização da luta, sem perder de vista que a revista se ligava ao Partido Comunista, pois, a partir da linguagem, mais trabalhadores poderiam ler essa literatura social.

Considerações Finais

Este artigo partiu de dois periódicos em específico, o jornal *Al-Ittihad* e a revista *Al-Jadid*, para visualizar um aspecto da sociedade palestina e israelense do século XX, com atenção especial às décadas de 1940 e 1950. Devido à criação do Estado de Israel, em 1948, o modo de vida e as pautas da vida cotidiana e intelectual mudaram, já que a perda territorial e a violência a todos(as) os(as) palestinos(as), alteraram a forma como se viam e pensavam em identidade e nacionalidade. Os embates, consonâncias e dissonâncias entre o jornal e a revista são uma amostragem das necessidades e urgências frente a esse novo cenário de luta e oposição ao novo governo de Israel. Ao apresentar e contextualizar cada periódico, é possível inferir que a ligação com o Partido Comunista foi responsável por uma produção particular desses periódicos, que se mantiveram publicados em Israel, escancarando posicionamentos políticos contrários ao Sionismo e, ao mesmo tempo, seguindo uma

linha internacional para a luta dos(as) trabalhadores(as) na região. Para o jornal *Al-Ittihad*, percebe-se que houve um processo mais intenso de arabização e nacionalismo no interior do periódico, tendo enfrentado algumas divisões de colaboradores e fundadores. Diferentemente, a revista *Al-Jadid* conseguiu manter uma maior coesão entre o grupo da revista e as produções ao longo do tempo, se adaptando a algumas situações, a exemplo da literatura. Sem dúvida, há mais elementos que podem ser explorados em pesquisas futuras, por diferentes vieses, já que o desenvolvimento desses periódicos é longo e múltiplo. Ademais, a pesquisa pretendeu ampliar conhecimento histórico sobre a Palestina, ajudando a visualizar a heterogeneidade de experiências, elementos em comum nas histórias de sujeitos, contradições, luta e resistência na contemporaneidade.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar dois periódicos relacionados, mas com projetos diferentes: o jornal *Al-Ittihad* e a revista literária *Al-Jadid*. Os periódicos foram criados ainda antes da consolidação do Estado de Israel em 1948 e se pautam a partir de um viés de esquerda, ligados ao Partido Comunista Palestino. A trajetória desses dois veículos de imprensa é relevante para o estudo da identidade e nação palestina, pois apresentam inúmeros debates sobre a relação do/a trabalhador/a com a causa palestina, além de traçar problemáticas sobre comunismo, nacionalismo e sionismo. O incipiente país à época, Israel, provocou alterações significativas na região, as quais aparecem como preocupações de intelectuais palestinos e israelenses acerca dos efeitos do colonialismo histórico, bem como as transformações do nacionalismo na Palestina, problemáticas que são analisadas neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE

Palestina; Periódicos; Partido Comunista; Nação.

Reflections on the Palestinian Nation: The Al-Ittihad and Al-Jadid Periodicals from a left perspective of the Palestinian Communist Party (Palestine/Israel, 1940-1960)

ABSTRACT

This article aims to present two related journals, but with different projects, the *Al-Ittihad* newspaper and the literary magazine *Al-Jadid*. The periodicals were created before the consolidation of the State of Israel in 1948 and are based on a leftist bias, linked to the Palestinian Communist Party. The trajectory of these two media outlets is relevant to the study of Palestinian identity and nation, as they present numerous debates on the relationship between the worker and the Palestinian cause, as well as tracing issues about communism, nationalism and Zionism. The incipient country of the time, Israel, brought significant changes in the region, which appear as concerns of Pales-

tinian and Israeli intellectuals about the effects of the historical colonialism, as well as the transformations of nationalism in Palestine, problematics that are analyzed in this article.

KEYWORDS

Palestine; Journals; Communist Party; Nation.

NOTAS

1. Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato da autora: carolina.ferreirafigueiredo@gmail.com.
2. SAND, Schlomo. *A invenção da terra de Israel: da terra santa à terra pátria*. São Paulo: Benvirá, 2014.
3. Este artigo apresenta parte da pesquisa e conclusões da Dissertação de Mestrado defendida no ano de 2016 na UFRGS.
4. CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.35, dez. 2007, p. 260.
5. Ibidem, p. 257.
6. Idem.
7. ZVI, Tal Ben. Abed Abdi: “Wa Ma Nasima” (We have not forgotten). In: ZVI, Tal Ben (org.). *Abed Abdi – 50 years os creation*. Rahash offser Haifa lts, 2010. pp. 197-223.
8. Como mencionado anteriormente, este artigo apresenta parte de minha pesquisa de mestrado. Na dissertação, o foco da minha investigação é a produção de Abed Abdi, charges produzidas para o jornal e ilustrações feitas para a revista. O artista é citado nesse momento pois as relações tecidas por ele são amostragens pertinentes para compreender o desenvolvimento do periódico e o Partido Comunista.
9. ZVI, *op. cit.*, p. 219. Tradução livre do original: “*It was actually their communist, cosmopolitical and a-national identity that enabled their encounter and friendship, and their great mutual admiration*”.
10. BEININ, Joel. *Was the red flag flying there? Marxist politics and the Arab-Israeli conflict in Egypt and Israel, 1948-1965*. University of California Press, 1990.
11. Ibidem, p. 18. Tradução livre do original: “*Marxism [...] did not take nationalism and national culture seriously (...) ‘the proletariat has no country’, and that proletarian internationalism was based on a firmer, more material reality than nationalism*”.
12. BUDEIRI, Musa. *The Palestine Communist Party: 1919-1948 Arab and Jew in the Struggle for Internationalism*. Chicago: Haymarket Books, 1979.
13. VER MAIS: BUDEIRI, 1979.
14. Ibidem, p. 8. Tradução livre do original: “[...] *recent immigrants though they were, and despite the fact that they have been brought to Palestine through the agency of the Zionist*

organizations, continued to be regarded as potential revolutionaries whose interests in no way contradicted those of the Arabs” (BUDEIRI, 1979, p. 8).

15. BEININ, *Op. cit.*, p. 25.

16. BEININ, *Op. cit.*, p. 9.

17. BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 25.

18. BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 52. Tradução livre do original: “*The party gradually began to abandon its call for the agrarian revolution, and although it continued its agitation among the small Arab working class in the towns, its attention was more fully directed to the national dimension of the struggle in Palestine*”

19. O plano de Partição foi proposto em 1947 pela Nações Unidas na Resolução 181, e dividia o território em dois, parte para o Estado de Israel e para o que viria a ser o Estado Palestino, sendo Jerusalém território neutro. Os(as) palestinos(as) e os Estados Árabes não aceitaram o acordo. VER MAIS: CLEVELAND, W.; BUNTON, M. *A history of the Modern Middle East*. Westview Press: 2009.

20. VER MAIS: BUDEIRI, 1979.

21. JACOBSON, Abigail. *Between National Liberation and Anti-colonial struggle: The National Liberation League in Palestine*. Crown Center for Middle East Studies. Brandeis University: 2012, p. 7.

22. *Ibidem*. O teórico Abigail Jacobson (2012) afirma que, naquele contexto, o jornal pertencia a NLL e era considerado como o órgão principal. Havendo outros teóricos que não apontam para este fato de modo definitivo, escolheu-se apresentar estes sujeitos como participantes de diferentes esferas que se permeavam, influenciando mutuamente espaços do jornal.

23. BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 125.

24. *Idem*.

25. *Ibidem*, p. 154.

26. JACOBSON, *Op. cit.*, p. 8

27. BERNSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 89.

28. BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 116. Tradução livre do original: “*emphasized the contribution of the Arab working class and the Arab people in Palestine to the struggle to defeat Nazism*”.

29. *Ibidem*, p. 116-117. Tradução livre do original: “*the familiarization of its readers with worker’s struggles throughout the world, to enable Arab workers to benefit from the experiences of others in the common struggle*”.

30. *Ibidem*, p. 117. Tradução livre do original: “*pursue the daily economic struggle of Arab workers to improve their economic, social, and cultural conditions and to unite their efforts in one strong movement*” (BUDEIRI, 1979, p. 117).

31. AL-ITTIHAD, 1/10/1944 *apud* JACOBSON, *Op. cit.*, p. 9. Tradução livre do original: “Some groups in our national movement do not distinguish between the Zionist movement and the Jewish inhabitants of Palestine. However, we have to examine the Jewish society in Palestine and consider the class structure, parties and organizations. We can divide the Jewish inhabitants into classes: The working class and peasants from the majority within the Jewish population, and are the most important social classes... Only the capitalists support the Zionist movement. Our struggle against Zionism is a progressive struggle for the Jewish workers and intelligentsia”.
32. JACOBSON, *Op. cit.*, p. 11.
33. BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 118. Tradução livre do original: “to support the national economy in the present stage of the national liberation struggle”;
34. Ainda há que se considerar, embora não será desenvolvida nesta ocasião, a relação entre os Partidos Comunistas no Oriente Médio, como no caso do Egito, Líbano, Síria e Iraque. VER MAIS: JACOBSON, 2012, p. 25.
35. KUSCHNIR, Karina. A dimensão subjetiva do político: cultura política e antropologia da política. *Estudos Históricos*. 1999, pp. 228.
36. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
37. KUSCHNIR, *Op. cit.*, p. 243.
38. BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 153. Tradução livre do original: “While it is not meaningful to speak of the NLL’s “communist policy”, it is nevertheless possible to observe the Arab communists’ self-identification with the international communist movement [...] the NLL identified itself with international communism through the publication of numerous articles glorifying life in the Soviet Union and through propaganda of the aims of Soviet foreign policy, and the attitude it took on developments in the Arab world. Al-ittihad wrote at length on the long record of Soviet hostility to Zionism and frequently reproduced articles from the Soviet press underlining support for Palestines’ unity and Independence.”
39. *Ibidem*.
40. *Ibidem*.
41. JACOBSON, *Op. cit.*
42. BEININ, *Op. cit.*, p. 47-48.
43. AL-ITTIHAD *apud* BUDEIRI, *Op. cit.*, p. 159.
44. BEININ, *Op. cit.*, p. 48.
45. LUSTICK, Ian. *Arabs in the Jewish State: Israel’s control of a National Minority*. Austin: University of Texas Press, 1980.
46. CAYMAN, Charles. *After the Catastrophe: The Arabs in the State of Israel 1948-1950*. 1984.
47. VER MAIS: NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL. *Kol Ham newspaper*. Disponível em: <<http://web.nli.org.il/sites/JPress/English/Pages/kol-haam.aspx>>. Acesso em: mar./2016.

48. AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235.
49. DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 29.
50. Idem.
51. CHARTIER, Roger (Org.) *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1996. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 2002.
52. DARNTON, Robert. *O beijo do Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 156.
53. VELLOSO, Mônica P. Sensibilidades modernas: as revistas literárias e de humor no Rio da Primeira República. In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.
54. Ibidem, p. 217.
55. EMMETT, Chad M. *Beyond the Basilica: Christian and Muslims in Nazareth*. The University of Chicago, Geography Research Paper n. 237, 1995, p. 163.
56. KAUFFMAN, Ilana. *Arab National Communism in the Jewish State*. University Press of Florida, 1997.
57. BEININ, *Op. cit.*, p. 216.
58. BEININ, *Op. cit.*, p. 241. A fonte original da pesquisa de Beinin é KM 35 Ve'idot 20.1, 20.2, 20.4.
59. Disponível em: <http://www.cbs.gov.il/reader/shnaton/templ_shnaton_e.html?num_tab=st02_01&CYear=2015>. Acesso: mar./2016.
60. O cálculo é aproximado e pretende fornecer uma visão geral em termos numéricos. Foi realizado tomando a equivalência entre habitante/ leitor e exemplar. Deve-se, no entanto, ter em mente variáveis, como por exemplo, um exemplar para vários habitantes/ leitores.
61. JACOBSON, *Op. cit.*
62. Não foi encontrada nenhuma bibliografia particular que tenha como pesquisa a revista *Al-Jadid* especificamente. A bibliografia utilizada neste capítulo é de trabalhos que tratam de literatura e produção literária em Israel, em que há menções acerca da revista em questão.
63. SOMEKH, Sasson. *Life after Baghdad: memoirs of an arab-jew in Israel, 1950-2000*. Sussex Academic Press, 2012.
64. DAHER, Naji. Naji Daher's Selected Short Stories. In: LANG, Peter. *Three voices from Galilee*. New York: Peter Lang Publisher, 2010.

65. BEHAR, Moshe; BENITE, Zvi Ben-Dor (orgs.). *Modern Middle Eastern Jewish Thought*. Brandeis University Press, 2013.
66. LEVY, Lital. *Poetic Tresspass: writing between hebrew and arabic in Israel/Palestine*. Princeton University Press, 2014.
67. SOMEKH, *Op. cit.*
68. SOMEKH, *Op. cit.*, p. 31. Tradução livre do original: “*they published works of greater literary value than those that appeared in al-Yawn*”.
69. SOMEKH, *Op. cit.*, p. 32.
70. Ibidem. Tradução livre do original: “*We are from Iraq and were previously engaged in Arabic literature. Several of us published poems and stories in Iraq and Israel, and these have been broadcast on the radio (...) But we quickly tired of the decadent bourgeois culture. Therefore, we entirely abandoned this kind of literature and turned toward a militant literature that was free of decadent influence. However our association with Arabic literary circles since came to a halt. Some of us stopped writing while others nearly gave up on the possibility of someday writing Arabic literature again. Then came along al-Jadid and infused us with real sense of hope.*”
71. O realismo social é um termo abrangente para um estilo de arte que atingiu âmbitos globais, cada qual com a sua variação regional, em meados do século XX, ambientado no período entre-guerras. Esta abordagem artística provém de uma contestação da produção vigente da época, sendo que, segundo o historiador da arte Paul Wood (1998), o próprio termo “realismo” tem sido ponto de debate acerca do aspecto do que seria “real” em confronto com o “abstrato”, e da aproximação com o “naturalismo”, no que concerne às preocupações com as realidades vividas no cotidiano (p. 254). Sob estes questionamentos, o Realismo Social é referido ao conjunto de trabalhos de pintores(as), gravuristas, fotógrafos(as) e diretores(as) que trataram das ressonâncias sociais nas artes, escancarando as condições cotidianas das classes mais baixas, “com olhos conscientes de classe” (WOOD, 1998, p. 253); atentos à relação entre vida e trabalho no seu tempo, portanto, críticos das estruturas sociais que mantinham a sociedade sob determinada ordem. VER MAIS: WOOD, Paul. Realismos e Realidades. In: FER, Briony; BATCHELOR, David; WOOD, Paul. *Realismo, racionalismo, surrealismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. pp. 250-335.
72. SOMEKH, *Op. cit.*, p. 33. Tradução livre do original: “*socially comitted literature*”.
73. BEHAR; BENITE, *Op. cit.*
74. BEHAR; BENITE, *Op. cit.*, p. 199.
75. SOMEKH, *Op. cit.*, p. 34. Tradução livre do original: “*the writer’s need to communicate with the people in whose midst he lived, and his responsibility to reflect reality and broaden the horizons of his readers*”.
76. MICHAEL, Sami. The Newly Arrived Man of Letters. In: BEHAR, Moshe; BENITE, Zvi Ben-Dor (orgs.). *Modern Middle Eastern Jewish Thought*. Brandeis University Press, 2013, p. 200. Tradução livre do original: “*the man of letters who cares about his links*”.

with the people [...] has to write in a style that the people among whom he lives understand”.

77. Ibidem. *“He has to stay true to the social content of his literature, while innovating and recreating his national form in a new garb that the nation where he lives can taste”*

78. SOMEKH; MICHAEL, *Op. cit.*

79. BERG, Nancy. *Exile from Exile: Israeli writers from Iraq*. State University of New York Press, 1996.